

Ballrooms na cidade do Rio de Janeiro: corpos, festas e política¹

Eduardo Bianchi²

Coral de Azevedo Souza³

Carlos Henrique de Araujo Cavalcante⁴

Matheus Bruzzi Ferraz Petriz de Barros⁵

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de quatro cidades/capitais brasileiras sobre cidades musicais do Brasil. A proposta desse trabalho, em específico, é apresentar os primeiros contatos da pesquisa sobre as festas Ballrooms na cidade do Rio de Janeiro. Com base em pesquisa de campo, reconhecimento das festas e dos corpos que vivenciam tais ambiências, buscamos, neste momento ainda inicial, observar as potencialidades da já evidente política que é apresentada pelas festas e por aqueles que as fazem acontecer. Se destacam pela música, pela dança e pelo fazer político um forte movimento ativista. Sobremaneira, se evidencia a necessidade de um olhar problematizador, também, das questões de gênero e performatividade, assim como de processos técnicos e biológicos e suas potencialidades políticas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Música; Ballroom; Ativismo

DEATH DROP: MÚSICA, DANÇA E PERFORMANCE

Vibração coletiva, euforia que se repete a cada *Death Drop*, movimento de dança aguardado nas apresentações de uma *Ballroom*⁶. Tem um momento certo, aquela batida da música que vem, que se alinha a performance ensaiada ou improvisada. Se o público entrar na apresentação, se o público se envolver sinalizando o movimento, ele vira o momento alto e muitos

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação, Música e Entretenimento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutor e mestre em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Membro do Laboratório de Pesquisa CAC-UERJ. Professor da Universidade Veiga de Almeida – UVA. eduardo.bianchi.cs@gmail.com

³ Aluna de graduação do curso de Jornalismo. Iniciação Científica, voluntário do Laboratório de Pesquisa CAC-UERJ.

⁴ Aluno de graduação do curso de Jornalismo. Iniciação Científica, voluntário do Laboratório de Pesquisa CAC-UERJ.

⁵ Aluno de graduação do curso de Jornalismo. Bolsista de extensão do Laboratório de Pesquisa CAC-UERJ.

⁶ Por se tratar de um movimento que se inicia nos EUA, muitas das gírias e expressões são mantidas em inglês. Muitas das expressões foram popularizadas por produtos mainstream como Rupals Drag Race e a série televisiva Pose, mas também muito conhecido pelo documentário Paris is Burnig de 1990. Vale destacar que muito da cultura Ballroom está ligada as performances voguing, popularizadas pelo álbum da cantora pop Madonna que leva o mesmo nome.

outros *death drop* se repetirão na apresentação, fugindo até mesmo do que seria um roteiro ensaiado. Uma perna esticada e a outra dobrada para trás e o corpo se joga ao chão. Um tombo proposital, calculado, um movimento de dança que marca a cultura *Ballroom*. O corpo que se “joga para a morte”.

Este trabalho é o início de uma pesquisa que compõe um trabalho coletivo das cidades musicais do país⁷ que conta com a participação de pesquisadores de quatro capitais brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife). Ainda se encontrando no início do trabalho, estamos em um momento ainda exploratório, conhecendo e reconhecendo características da cultura *ball*⁸, observando os corpos que se apresentam no *runway*⁹, espaços de disputa, mas também os corpos que vivem a ambiência, mas que não estão, necessariamente, presentes para as disputas performativas, todavia, ajudam a compor a festa. Dessa forma, estando na área da comunicação, tomamos emprestado técnicas da antropologia para imersão em campo, e, dessa forma, buscamos observar tais manifestações por uma “etnocomunicação”. Para além da pesquisa de campo das festas, usamos como recursos a netnografia, acompanhando os calendários das festas, mas também o que as *houses*¹⁰ e seus integrantes estão postando em suas redes sociais.

Dentre as estéticas musicais dessa cartografia estão as festas *Ballroom*, este trabalho foca nas que acontecem na cidade do Rio de Janeiro. Por estética, observa-se, aqui, os processos de produção de sentidos musicais, mas também corporais e seus adornos disruptivos de padrões normativos da moda e de gênero.

Estamos frequentando os espaços, observando e nos familiarizando com aqueles que são os frequentadores, conversando e buscando o reconhecimento de nossos corpos estranhos (corpos de pesquisador) para construir uma relação de confiança. Ainda buscamos entender as gírias e os maneirismos comunicacionais, como os gritos de guerra das *houses* que para aqueles que chegam pela primeira vez, por conta da música, da vibração festiva coletiva, podem não ser inteligíveis de imediato. Da própria casa ou de

⁷ Identificando potencialidades nas cenas locais e subsidiando Políticas Culturais renovadas para as principais Cidades Musicais do país.

⁸ Forma abreviada para se referir a *Ballroom*.

⁹ Pista, passarela onde as performances acontecem.

¹⁰ *Houses*, ou casa, são espaços, não necessariamente físicos, de formação de uma ambiência em defesa de uma irmandade não sanguínea, mas de afeto, de amizade e acolhimento. A origem das *houses* se dá, em muitos casos, para acolher pessoas que foram e são abandonadas por suas famílias consanguíneas, nesses “espaços” encontram vivências que geram identificação e, assim, reconhecimento que não estão sozinhas.

qualquer outra, é cantado ao anunciar a participação daqueles que compõem e representam as casas nas balls:¹¹

House of Cazul: PIONEER THE ROYAL KIKI HOUSE OF CAZUL.

Casa de Cosmos: VAI, VAI, VAI TOMAR NO COSMOS.

House of Mamba Negra: PEGA, PICOU, VAI PEGAR, MAMBA NEGRA.

House of Império: IIIIIIMPERIOOO, IIIIIIMPERIOOO, IIIIIIMPERIOOO.

Casa de Candaces: NÃO QUEIRA, AH AH CANDAAACES.

Casa de Lafond: EEEEEEPAAAA, LAFOOND.

Cada vez que um membro de uma casa pisa no *runway*, o grito cantado por todes¹² que o conhecem toma conta do espaço, é uma vibração coletiva. É um momento de apoio coletivo de todas as casas, todes torcendo por todes, mesmo que exista uma disputa entre os participantes e as casas que eles representam. O processo é maior. O que não quer dizer que não exista vaidade, o desejo de vencer, de ser reconhecido e aplaudido pelos presentes é evidente. Em uma conversa com um dos frequentadores, Rahzel Alec, membro da Casa de Ewa, nos confessa que quando se entra na pista para performar é o momento daquele corpo, aquele é o corpo mais bonito e mais poderoso. Não há um padrão normativo da beleza, aquele corpo é o belo.

ARTIVISMO NAS BALLS: ESTÉTICA, TERRITORIALIDADES E POLÍTICA

As estéticas das *balls* não apresentam um padrão, mesmo que se possa buscar tal reconhecimento, que componham tais momentos festivos de disputa e de fazer político. “A pergunta sobre quais são os processos de construção das identidades sexuais e de gênero não podemos responder apenas performativamente, devemos interrogar, também, os processos técnicos e biológicos de construção política” (PRECIADO, 2010, p. 7). O que Preciado nos apresenta, está muito atrelado aos campos de fuga, mas não devemos entendê-los como medos, mas como resistência, desvio e imposição desses corpos que estão em política de apropriação daquilo que os vêm sendo historicamente negado.

¹¹ Alguns dos gritos de guerra que representam algumas das casas que participam das *balls*.

¹² Em vários momentos desse trabalho, faremos o uso da linguagem neutra para buscar incluir a diversidade de corpos que compõem e fazem as balls acontecerem. Uma relação de respeito por todes que fazem as festas, que não se reconhecem no binarismo de gênero e que estão nos permitindo entrar em seus ambientes para fazer essa pesquisa.

Estamos diante de corpos já há muito foram e são colocados à margem do social, mas que buscam em tais construções criativas burlar os modelos empobrecedores das existências. Estamos deslumbrando suas vivências para uma arte da festa, da dança, da música e da política. Estamos observando corpos que foram colocados nas franjas do social, na parte mais interna e mais profunda das dobras. A marginalização passa a ser um recurso para evidenciar a política. Se a cidadania foi negada, busca-se evidenciar a ausência, a falta de direitos, a violência para burlar tais mecanismos e dessa forma reivindicá-los. Contudo, o que está se evidenciando em nossas observações é que esses corpos que fazem parte das *balls* não aceitam mais esses lugares das profundezas e buscam evidenciar seu caráter festivo e político. Esses corpos estão buscando ocupar outros espaços, estão lutando para evidenciar suas existências e, assim, reivindicando cidadanias. Sim cidadanias no plural, a exclusão cívica já é fato histórico, a não garantia de direitos já é a realidade desses corpos, os estigmas fazem parte de suas existências, portanto, a forma tradicional não comporta as vidas de muitos dos corpos que se apresentam nessas territorialidades. Estamos, a que tudo indica, observando um forte movimento artista, a arte como recurso político.

Em uma época de forte polarização e precarização da vida social, essas iniciativas engajadas constituem-se, de certa maneira, em um *zeitgeist*¹³ que caracteriza o ambiente artístico-intelectual contemporâneo. Como é possível constatar, na atualidade, o “ativismo” transita pelas ambiências urbanas e digitais, pelos campos políticos, artísticos, sociais e educacionais, questionando institucionalidades e cânones do mundo atual (Fernandes, Herschmann e Estevão, 2022, p. 15)

O movimento pela arte é um recurso para se fazer a política desses corpos. A proposta da pesquisa sobre as *balls* está em construir um mapa sensível das festas, portanto, da comunicação de todos os envolvidos nos processos para a realização desses momentos artísticos. Estamos buscando construir os mapas dos espaços e suas formas de (re)territorialização, observando os corpos que fazem a festa, que fazem política pela arte, como pelas suas próprias existências. Se estamos vendo corpos marginalizados e estes buscam se evidenciar, estamos diante de uma forma de fazer política pela arte.

Conforme Haesbaert (2010), as territorializações ocorrem nas relações de domínio e apropriação do espaço, abrangendo desde aspectos concretos até simbólicos. Essas apropriações ocorrem por meio da utilização de elementos materiais, conferindo-lhes

¹³ Em tradução, “espírito do tempo”.

novas subjetividades. Essas subjetividades são compartilhadas no cotidiano, atribuindo-lhes sentimentos baseados nas experiências emocionais vividas ao longo do tempo. Dessa forma, construímos imagens da cidade por meio desses sistemas emocionais, imagens que se transformam com o passar do tempo. Afinal, a cidade se reinventa por meio de suas paisagens, desenhos que são renovados pelas vivências e que são moldados e remodelados pelos corpos em seu contexto histórico, em suas vivências e práticas de subjetivação.

O movimento Ballroom, que emergiu entre o final da década de 1960 e o início dos anos 1970, foi criado pela comunidade LGBTQIAPN+ negra latino-americana de Nova Iorque. Seu surgimento se deu de forma emblemática no coração cultural Harlem, localizado em Manhattan, territorialidade com forte presença dos afro-americanos (LAWRENCE, 2011). Nesse contexto, indivíduos transgênero, frequentemente marginalizados e socialmente invisíveis, encontraram um espaço onde puderam reivindicar um potente protagonismo na localidade que viviam, dando origem a um movimento cultural de impacto que se desdobrou para muitas outras manifestações culturais e artísticas LGBTQIAPN+.

Esses corpos precarizados e marginalizados criaram um sistema de organização festiva e política, como Butler (2018) poderia denominar de uma forma de assembleia. Estas se configuram pela reunião e como forma de reivindicação, ocupação e ressignificação dos espaços por meio da apropriação, uma territorialidade de acolhimento e irmandade. Mesmo que haja disputas pelas performances nas categorias das *balls*, como já mencionado, há uma clara força coletiva de união. O que não quer dizer que não haja desavenças e conflitos, eles se evidenciam, contudo, o que ocorre são formas de política de ocupação, valorização da cultura *Ballroom*, para além do indivíduo e sim para o fortalecimento político da cultura *ball*.

As chamadas *balls* se estabeleceram como locais de acolhimento e inclusão, estamos falando de corpos precarizados e que, por uma força solidária, criam uma ambiência de pertencimento e isso é gerador de uma forma de cidadania de política dos corpos. É nessa ambiência de acolhimento e solidariedade que tais vivências podem gerar condutas e práticas de autovalorização e, também, de reconhecimento da existência daquele corpo que está performando para ser visto e valorizado dentro do grupo. Como falado, a passarela é o momento alto da festa para quem irá performar e para o público, mas o circular, caminhar, marca a presença faz parte do momento festivo. Antes e depois da performance há festa, há descontração, diversão música e dança para quem está na

ball. A música está tocando, o DJ está animando o público e os corpos estão dançando, vibrando e se fazendo notar para quem estiver no ambiente.

As *ballrooms* tornaram-se espaços em que tais pessoas puderam, enfim, expressar-se plenamente e encontrar aceitação em relação às suas existências, experimentando uma sensação de bem-estar e integridade corporal.

Tais eventos se transformaram para além celebrações pontuais, de reuniões entre as *houses*, convertendo-se em autênticas competições, inicialmente centradas em categorias estéticas e, posteriormente, para categorias de dança, performances com muitos movimentos diversos e que são marcantes para as *balls*.

Durante as disputas por categoria, um grupo de jurados assume o papel de árbitros, atribuindo pontuações e determinando os agraciados com o cobiçado reconhecimento e o troféu que marca como símbolo da conquista. Quem se apresenta deseja ganhar, nem sempre sai satisfeito com o resultado, mas isso faz parte do processo, faz parte das *balls*.

O movimento *Ballroom* ultrapassou os limites das festividades e das danças, emergindo como um fenômeno sociocultural, mas também sendo colocado como atos de resistência e um fazer político que, por meio de seus diferentes discursos, reivindica cidadania. Ao oferecer um espaço de expressão e pertencimento a indivíduos historicamente marginalizados, as *Ballrooms* vêm amplificando vozes que eram dissonantes de uma comunidade que durante muito tempo permaneceu nas margens das discussões e da visibilidade social. Sua importância vai além da mera estética e da competição, mergulha no terreno do empoderamento individual e coletivo, desafiando as normas de corporificação do binarismo de gênero e expandindo os horizontes da aceitação e inclusão. O movimento *Ballroom*, fruto da resiliência e da luta por igualdade, é um fenômeno digno de análise e compreensão em sua relevância cultural, social e política.

VOGUING: POSE E POLÍTICA DOS CORPOS

Quando se trata dos momentos festivos, destacam-se movimentos das performances *voguing*, que são caracterizados por movimentos fluidos e estilizados, com ênfase na pose, na atitude e na expressão individual. Os corpos adotam como referência poses elegantes e graciosas de modelos, e as combinam com movimentos rápidos e precisos. Não é à toa, muitos dos movimentos foram inspirados nos modelos da revista

Vogue¹⁴. Nas balls que frequentamos, nem todo movimento se apresenta na “graciosidade”, muitos são forte até mesmo bruto, exigindo muito da musculatura, treinamento e preparo físico dos corpos performáticos.

Além dos movimentos de dança, as performances *voguing* também incluem muitos elementos teatrais, como acrobacias, expressões faciais dramáticas, evidenciado a beleza do rosto que está performando, moda extravagante e maquiagem artística. A criatividade e a originalidade são valorizadas, permitindo que os corpos em apresentação mostrem sua individualidade e estilo único.

As performances *voguing* têm sido uma forma de resistência, empoderamento e celebração da diversidade. Elas não apenas proporcionam uma plataforma para a autoexpressão, mas também têm influenciado a cultura da moda, da música e da dança ao longo dos anos.

Durante os eventos frequentados até o momento, observamos uma forte política dos corpos, corpos dissidentes, muitos deles em processo de afirmação de si, por cirurgias já realizadas ou em processos para tal procedimento, o que não quer dizer, ou podemos afirmar, que todos tenham o desejo de tal intervenção – como já dito, ainda estamos em processo de reconhecimento de campo e qualquer afirmação dessa natureza poderia recair em erro. Mas vem sendo notado pelo trabalho de campo que são muitos os corpos em processo de intervenção.

Em 2008, decidindo integrar-se a ambientes feministas e queers, Preciado (2018) optou por iniciar o processo de autoadministração de testosterona em gel. Essa escolha foi feita sem buscar qualquer mediação médica, psicológica ou jurídica, uma vez que desejava evitar os protocolos normativos que regem os conceitos de masculinidade e feminilidade nesses campos, que se baseiam principalmente na quantificação hormonal, como a testosterona, o estrogênio e a progesterona. Preciado decidiu não se submeter a essas estruturas de conhecimento e poder para lidar com seu corpo e identidade de gênero, pois entendeu que o corpo é muito mais do que uma simples construção, sendo, antes de tudo, um espaço de ação e intervenção. Para passar pelo processo de transexualização reconhecido pelo Estado, seria necessário ser diagnosticado com disforia de gênero e submeter-se a um protocolo médico e jurídico, ambos rejeitados pelo autor. O autor evidencia no início de sua obra:

¹⁴ Da Vogue sobre o voguing: <https://www.vogue.pt/voguing-historia-danca> Acessado em: 08/07/2023.

Como vocês sabem, a testosterona é um hormônio tradicionalmente considerado pelo sistema médico como um hormônio masculino (é pensado no masculino: não existem hormônios masculinos!) e o qual não se pode ter acesso se não por meio de um protocolo de transexualização. Então, para poder ter acesso à testosterona deve declarar-se disfórico de gênero, ou seja, doente mental e transformar-se em objeto do sistema médico e jurídico estatal que permite, então, àqueles objetos o acesso as biotecnologias corporais que permitirão um conjunto de mudanças. (Preciado, 2010, p. 2-3)

Esse auto processo de interferência e experimentação do próprio corpo buscava problematizar as noções de masculinidade e feminilidade como identidades naturais. Na contramão dessa forma de estabelecer o que, aparentemente, é dado pelo social, Preciado articula sua reflexão por uma construção política de tais conceitos que pode ser desconstruída, reconstruída, reformulada e destruída (PRECIADO, 2010, p. 4). O autor deixa claro que o hormônio testosterona não é masculino, mas fora ligado, determinado, como tal. A testosterona não carrega com ela a masculinidade, essa é performativa, o que Preciado questiona são as forças e potências dos corpos sob uma perspectiva política. Os hormônios, segundo Preciado, são muito mais do que isso - eles representam um sistema de comunicação e circulação, uma forma de contaminação viral. O corpo, por sua vez, é um espaço de densidade política extrema, apresenta múltiplas possibilidades de existir e de se experimentar.

Ainda segundo Preciado, em entrevista¹⁵, (2018 b), observa-se um aumento na resistência ao enquadramento médico e psiquiátrico que tradicionalmente definia a transexualidade. Há uma busca por romper com a normalização da masculinidade e feminilidade em nossos corpos, e uma vontade de explorar e inventar outras formas de prazer e coexistência que transcendem essas categorias impostas. Na mesma entrevista, Butler afirma:

Tomemos certas formas de hipermasculinidade ou de hiperfeminilidade na cultura heterossexual, e teremos certo ar *queer* (performativo) porque são hiperbólicas. Um homem, por exemplo, que tem medo de ter o menor rastro de feminilidade nele, e que esconde qualquer um deles. No mundo *gay* e lésbico também pode haver certa “polícia da identidade”. Como se, enquanto lésbica, eu não fosse senão uma lésbica, não tivesse senão sonhos lésbicos, não tivesse senão fantasias com mulheres. A vida não é a identidade! A vida resiste à ideia da

¹⁵ Entrevista realizada por Ursula Del Aguila em novembro de 2008 para a revista francesa *Têtu* (n. 138). Tradução: Luiz Morando e publicada na revista *Resista: observatório de resistências plurais*, publicada em 08 de maio de 2018. A entrevista conta com Preciado e Butler. Acessado em 07//07/2023: <https://resistadotblog.wordpress.com/2018/05/08/a-vida-nao-e-a-identidade-a-vida-resiste-a-ideia-da-identidade/>

identidade, é necessário admitir a ambiguidade. A identidade pode muitas vezes ser vital para enfrentar uma situação de opressão, mas seria um erro utilizá-la para evitar enfrentar a complexidade. Você não pode saturar a vida com identidade. (Butler, 2008)

No caso dos corpos que se evidenciam nas *balls*, observamos por multiplicidades, por potências que podem, em um primeiro momento, ser confusas, pois ainda estamos impregnados de subjetividades binárias da masculinidade e da feminilidade, por motivos históricos e, conseqüentemente, socioculturais, portanto, resistimos a enxergar os corpos rompendo o paradigma binário pela diversidade das masculinidades e feminilidades, ou mesmo rompendo com esses modelos.

Mesmo que existam categorias nas *balls* que sejam destinadas ao corpo performativo da masculinidade e da feminilidade, tais corpos não são constituídos por uma norma doutrinada, não na totalidade, existem desvios, existem resistências, existem, o que Preciado chamou de intervenção no próprio corpo, portanto, atos políticos, que podem parecer diminutos, mas têm grande potência, pois se propagam, se multiplicam nos ambientes das *balls* e, conseqüentemente, na cidade quando esses corpos circulam e se impõem disputando as (re)territorialidades dos espaços urbanos nos quais se apresentam. Por outro lado, vale destacar, que ainda é um processo longo para transgenitalização pelo SUS, muito desejado para boa parte da população trans e travesti, o que pode levar a interferências no próprio corpo sem acompanhamento.

Os corpos trans e travestis são corpos mais vulneráveis socialmente, por esse motivo, são corpos mais “protegidos” dentro das festas. Há uma nítida atenção e cuidado com tais pessoas dentro das *balls*. A ideia de grupo se fortalece quando se trata dessas existências. Enquanto pesquisadores, nos foi cobrado uma atenção ainda maior para tratar e olhar tais corpos. Freqüentadores das festas, Leon e Clarice, nos evidenciaram as mazelas sociais sofridas pelas pessoas trans e travestis. Saltou aos nossos olhos que as *balls* são e precisam ser lugares seguros para tais existências. Por outro lado, não nos pareceu que tais corpos estão nas *balls* de forma vulnerável, quando se sentem, por qualquer motivo que seja, desprestigiadas, tomam os microfones e se fazem ouvir, falam de suas importâncias e relevâncias para as *balls*, para a história do movimento político, reivindicam os seus lugares e impõem suas presenças. É evidente a disputa, o desejo de fortalecer as territorialidades trans e travestis por esses corpos políticos.

CONSIDERAÇÃO INICIAIS PARA REFLETIR AS *BALLS* DO RIO

Percorrendo a vibrante e diversificada paisagem das *balls*, percebemos que esses eventos transcendem a celebração das performances. Eles se manifestam como espaços de resistência, empoderamento e construção política dos corpos. As performances são muito mais do que os movimentos coreografados; elas são expressões de identidades fluidas e em constante transformação. Os corpos que ocupam a passarela desafiam as normas binárias de gênero e sexualidade, tornando-se testemunhos vivos de que a diversidade não é apenas aceitável, mas essencial.

As *balls* não são apenas uma série de competições, mas também uma jornada de autodescoberta, de reconhecimento e reivindicação de espaços que historicamente foram negados a esses corpos. As *houses*, os integrantes, os gritos de guerra e os momentos de performance tornam-se instrumentos de ação política, criando uma rede de apoio e solidariedade que transcende as rivalidades momentâneas. Sim, as poses, as expressões faciais e os movimentos de dança fazem parte do espetáculo, mas o que nos provoca a uma problematização acontece na desconstrução do que é considerado “normal” ou “aceitável”. Essa desconstrução não se limita às festas em si, mas se espalha como uma onda cultural que influencia a moda, a música e a própria sociedade. Como estamos observando na pesquisa, as *balls* estão se ramificando pela cidade, pelos espaços culturais e pelas ruas.

Diante da polarização e precarização da vida social contemporânea, o movimento *ballroom* emerge como um exemplo marcante de “ativismo”. Essas manifestações engajadas nos mostram que a arte e a política não são campos separados, mas sim forças intrinsecamente ligadas, capazes de criar mudanças potentes e significativas para as vidas dessas pessoas. Ao ocupar os espaços públicos e midiáticos, esses corpos não apenas reivindicam seu direito à visibilidade, mas também questionam e desafiam as estruturas de poder que marginalizaram, e ainda o fazem, suas existências por tanto tempo.

A pesquisa em curso sobre as *balls* nos conduz a um mergulho profundo na cultura e nas políticas dos corpos, revelando uma teia complexa de significados e desafios. À medida que nos familiarizamos com os frequentadores, com as casas e com as nuances das festas, enxergamos a formação de uma comunidade que se apoia, que se defende e que reivindica seu espaço por meio da arte e da celebração. Esses corpos nos mostram que a política não é apenas um ato de fazer um protesto, este muitas vezes fundamental,

mas também pode ser uma festa, uma dança, um grito coletivo por reconhecimento, aceitação e cidadania.

Dessa forma, ao observar as festas *Ballrooms* e os corpos que as habitam, não apenas testemunhamos uma exuberante celebração cultural, mas também uma poderosa afirmação de identidade, estilos de vida, formas de existir e de fazer política, diferentes modos de resistência e as diversas lutas por direitos. Observamos corpos que nos convidam a repensar nossas noções preconcebidas de gênero, sexualidade e normatividade, e nos inspiram a abraçar a diversidade como um ato político transformador. Nas pistas das *balls*, os corpos se lançam para a vida, para a política, para a afirmação de sua existência e buscam se fazer presentes no e para o mundo social. E ao fazerem isso, evidenciam que a dança, a festa e a política são partes inextricáveis do mesmo movimento coletivo de busca por igualdade, reconhecimento e cidadania.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FERNANDER, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael; ESTEVÃO, Andréa. Artivismo remix: algumas questões de gênero no samba de rua carioca. In. FERNANDER, Cíntia Sanmartin... [et al.] **Artivismos Urbanos**: sobrevivendo em tempos de urgências. Porto Alegre: Sulina, 2022.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LAWRENCE, T. **Voguing and the Ballroom Scene of New York, 1989-92**. New York, Soul Jazz Books, 2011.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1, 2018. _____

_____. **Transfeminismo no regime farmacopornográfico**. Tradução de Thiago Coacci. 2010. (Disponível em: https://www.academia.edu/9723865/Preciado_-_Transfeminismo_no_Regime_Farmaco-pornográfico, visitado em 2 de junho de 2010) <https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/soy/1-4022-2015-06-06.html> (Visitado em 19/07/2023).

PRECIADO, Paul B. e BUTLER, Judith. **A vida não é a identidade! A vida resiste à ideia da identidade**. [Entrevista concedida a] Ursula Del Aguila. *Têtu, França*, (n. 138), novembro de 2008. Tradução: Luiz Morando para revista Observatório de resistências plurais publicada em 08 de maio de 2018. Acessado em 07/07/2023: <https://resistadotblog.wordpress.com/2018/05/08/a-vida-nao-e-a-identidade-a-vida-resiste-a-ideia-da-identidade/>